

**A PÓS-MODERNIDADE E A LITERATURA INFANTIL: ABORDAGENS DA OBRA: “ATRÁS DA PORTA” DE RUTH ROCHA.** Vivianny Bessão de Assis, Mestranda em letras pela UFMS/CPTL, bolsista da CAPES. [viviannyassis@bol.com.br](mailto:viviannyassis@bol.com.br)

**Resumo:** O objetivo desse estudo pauta-se na investigação de elementos da pós-modernidade na referida obra infantil. Sua proposta eminente visa o despertar de interesses pueris para entrada no universo letrado, sugerindo práticas de leitura muito achegadas à diversão e ao prazer trazidos pela vivência junto aos livros. A valorização do conhecimento, a revisitação do passado, e a discussão dialética entre “grande narrativa” X “múltiplas narrativas” integram características do sujeito cosmopolita, historicizado pela hibridez cultural e são referenciadas pela figura central do personagem Carlinhos. Para tal análise recorro ao referencial teórico baseado em Bhabha (1998), Hutcheon (1991), Coelho (2000), entre outros, na perspectiva de verificar como a presente literatura revela questões da contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** leitura, literatura infantil, pós-modernidade.

**Seminário do 16º COLE vinculado:** VI Seminário “Literatura Infantil e Juvenil” (nº 08)

## **A PÓS-MODERNIDADE E A LITERATURA INFANTIL: ABORDAGENS DA OBRA: “ATRÁS DA PORTA” DE RUTH ROCHA.**

### **I - Introdução**

O livro em estudo trata de fatos do cotidiano com personagens comuns, seu contexto baseia-se no interior de uma casa conjugada com uma escola contendo ambientes simples que deixam quase imperceptíveis a separação entre a fantasia e a realidade. O exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, primeiro por que atende a uma necessidade peculiar que elas têm de imaginar, segundo porque as ajuda na formação da personalidade na medida em que possibilitam fazer combinações, criar e recriar hipóteses.

A proposta da obra visa um despertar de interesses infantis para entrada no mundo da leitura. Esse convite é feito de maneira integralmente lúdica à medida que algumas crianças, por vontade própria, sem imposições ou objetivos a serem alcançados, embrenham-se numa busca de conhecimento por meio da literatura em uma biblioteca “achada” por Carlinhos, líder e condutor da história.

A obra é inteiramente enviesada pelas lembranças de Carlinhos em relação à avó (que veio a falecer), inspiradora das aventuras. Ocorre, portanto, o resgate de brincadeiras e histórias como um entrecruzamento do passado e presente muito vivos na imaginação das crianças que interpretam a descoberta da biblioteca como um presente de Dona Carlotinha (a avó).

O texto sugere atividades de leitura muito achegadas a diversão e ao prazer proporcionados pela vivência junto aos livros que são fontes naturais de emancipação da criança, no desenvolvimento do pensamento investigativo, expansão da curiosidade, bem como, no acirramento da sensibilidade em relação ao mundo, possibilitando questionamentos sobre os eventos vislumbrados no cotidiano infantil.

Considerando essas questões, no decorrer do trabalho serão pontuadas três características da pós-modernidade mais evidentes na obra: revitalização do passado (nas lembranças de Carlinhos), busca do conhecimento e grande narrativa X múltiplas narrativas. Faz-se também a análise de alguns desenhos para melhor esclarecer e/ou reforçar a interpretação que proponho no momento.

## **II – Desenvolvimento**

### **Grande narrativa e a presença do passado**

O livro inicia-se com a apresentação do personagem principal, *Carlinhos*, apegado às lembranças saudosistas de sua doce avó, *Dona Carlotinha*. O casarão onde mora junto à sua família foi herança da avó, que também doou parte para a escola, portanto, somente uma parede fazia divisa entre a entrada da casa e da escola que, em sua homenagem, foi registrada com o nome: *Dona Carlotinha de Araújo Cintra*.

O texto apresenta a avó como uma mulher atuante ligada na contemporaneidade e muito participativa quanto ao universo infantil de Carlinhos. Paralelo a essa apresentação segue-se uma ilustração de *Dona Carlotinha* vestida com um grande chapéu, de capa, óculos e uma bota de bico fino, segura em suas mãos um enorme livro e, sentada numa cadeira fixada em lugar altivo, conta histórias para seu neto e mais três crianças que observam-na em um nível mais baixo do piso. A memória de Carlinhos em relação a essa personagem será a motivação que dará ritmo ao enredo, pois serão as lembranças sobre as brincadeiras realizadas que impulsionarão as ações dos personagens.

A avó descrita nessa narrativa embarcava no mundo das crianças, respeitando os seus gostos próprios e o modo de ver as coisas. Essa cumplicidade que gera o companheirismo e favorece a afetividade elevaram *Dona Carlotinha* a um “ser” maravilhoso, mágico e poderoso, quase onisciente, isso fica evidente na exclamação de Carlinhos: [...] *Dava a impressão de que ela sabia todas as histórias do mundo*.

A narrativa proposta inicialmente junto a análise da primeira ilustração sublinham o poder e a autoridade atribuídos à avó que, embora seja uma voz moderna por ser mulher e agregar consigo todas as características de seu sexo, remetendo a fragmentações e significações diversas de uma linguagem subjetiva, ainda assim, faz referência a chamada “Grande Narrativa”, por meio do discurso centralizador e totalizante.

No decorrer do texto essa visão sofrerá mudanças que abrangem conceitos da própria modernidade, pois *Carlinhos* é uma criança atravessada culturalmente pela articulação dos vínculos entre a cultura e a história por meio da bagagem de ludicidade adquirida na convivência com a avó. Contudo, sem desprezar ou ignorar seu legado, será capaz de transcender tais ensinamentos na busca de outras histórias. Para Linda Hutcheon (1991, p.31):

[...] nenhuma narrativa pode ser uma narrativa “mestra” natural: não existem hierarquias naturais, só existem aquelas que construímos. É esse tipo de questionamento autocomprometedor que deve permitir a teorização pós-modernistas desafiar as narrativas que de fato pressupõem o status de “mestras”, sem necessariamente assumir esse status para si.

Inspirado pela memória de suas aventuras e movido pela saudade é que *Carlinhos* conduz a história revisitando o quarto de Dona Carlotinha para aconchegar-se aos objetos antigos, fica evidente o paralelo entre o presente e a presença do passado na memória do garoto, evidenciando uma característica estritamente pós-moderna.

O caminho da fantasia propicia o trânsito de conhecimentos numa parceria que permite a humanização e a emancipação da criança, envolvendo todos os predicados culturais e históricos contidos em cada conto ou brincadeira, desde a linguagem, a narração dos ambientes, dos objetos, dos costumes e regras, possibilitando uma revisitação imaginária no momento em que a criança vê-se praticando as atividades como faziam os pais ou os avós.

A riqueza de detalhes e o entusiasmo com que o passado é abordado na narrativa não permite o olhar preconceituoso, mas sim, o vislumbamento de novas possibilidades de ludicidade e entretenimento. Para *Carlinhos* não existe linha do tempo, qualquer atividade proposta é encarada como pertinente à infância e essa corrente de resgate cultural e afetivo por meio das raízes familiares, gera maior interesse justamente por sentir-se inserida num contexto coletivo, distante pelo tempo, porém vivo e sempre contemporâneo.

Para Linda Hutcheon, (ibidem, p. 204)

Nas narrativas pós-modernas, os sujeitos não se distinguem mais como agentes livres, autônomos e coerentes, separados do contexto histórico, pois a atualidade não é uma simples configuração, mas uma profusão de acontecimentos entremeados, onde a narrativa chama atenção para a impossibilidade de discursos totalizantes por consequência dessa descentralização do sujeito sob as múltiplas influências dos contextos culturais e históricos que o permeiam.

## Busca do conhecimento

Na escavação sobre as coisas do passado de Dona Carlotinha, um dia, no quarto da avó, Carlinhos *rodou uma rosa entalhada num friso, a rosa estalou, a madeira se moveu e abriu-se uma porta na parede*, à qual nunca tinha visto antes, não sabia que existia e, mesmo com muito medo, o menino atou uma vela na mão, tomou coragem e empurrou a porta para ver o que ela escondia. Para sua surpresa viu-se *numa sala enorme, toda forrada de estantes de livros*, - era uma biblioteca - e *para Carlinhos, aquela era uma coisa mágica, era como se fosse um sonho, um espaço desconhecido*.(p.08)

O símbolo por meio das ilustrações na obra em estudo é ferramenta que depõe muitos resultados uma vez que o conhecimento infantil processa-se basicamente pelo contato direto da criança com o objeto promovendo o encontro desta com o seu imaginário. Para Coelho, (2000, p.155)

[...] dos recursos de apelo a visualidade (desenhos, ilustrações, diagramação, composição, cores, técnicas de colagem montagem, uso de novos materiais para a impressão do livro...) a literatura torna-se espaço de convergência das multilinguagens.

A ilustração nas páginas 9, 11 e 13 trazem primeiramente, a figura de Carlinhos com uma vela na mão, abrindo uma porta demasiadamente misteriosa, essa cena trás à luz toda a simbologia sobre a vela e seu poder de oferecer luminosidade, calor, esperança, novas possibilidades e descobertas. O garoto vê-se em um espaço totalmente inovador, tanto por sua estrutura espaçosa e aconchegante, repleta de sofás, tapetes, banquinhos e mesas, quanto pela extensão entre as estantes, corredores e a variedade de materiais a serem explorados.

A imagem seguinte denota a pequenez do menino em meio a enorme sala clareada pela pouca luz. Estagnado com a descoberta e diante da multiplicidade de inovações que surgiram como num passe de mágica diante dele, levanta a cabeça e os olhos, contudo, não alcança a plenitude de estantes e livros à sua disposição, esse presente era maravilhoso demais e por mais que sonhasse, jamais pensou em algo tão especial.

Na terceira cena Carlinhos está debruçado sobre uma mesa com a pequena vela a iluminar sua leitura, visto que depois de algum tempo e de muito vasculhar, o menino encontrou um grande livro contendo histórias que sua avó costumava narrar, ali permaneceu até quase amanhecer. Quando foi dormir, apagou a vela e fechou a porta cuidadosamente para que ninguém descobrisse seu segredo, sonhou com a avó, *tão alegre, tão engraçada, tão querida*, lembrando de como ela contava as histórias e de como estas pareciam ter mais significado em sua voz.

A análise dessas primeiras cenas com a vela dizem respeito a nova compreensão sobre o conhecimento na contemporaneidade em que é preciso situar tudo em seu contexto. A busca de conhecimento como necessidade vital e a questão central não é obter acesso às informações, mas saber articulá-las e

organizá-las no esmaecimento das fronteiras entre local e global, isto é, o sujeito pensando a história e a cultura a partir do seu lugar (local), visto que, é na diferença que os indivíduos se constroem e lêem sua história.

### **Grande Narrativa X Múltiplas Narrativas**

Carlinhos conta o segredo a seus amigos da escola convidando-os a participar de sua descoberta: *A noite, depois que todos foram dormir, Carlinhos desceu as escadas bem devagarinho e abriu a porta da frente. Lá estava o João, que tinha trazido a irmã, a Tuca. Os dois estavam loucos para conhecer a sala misteriosa. E a Tuca também não pôde resistir. No dia seguinte ela trouxe a prima, a Julinha. E a Julinha trouxe o Marcelo e o Marcelo trouxe o Cláudio, o Cláudio trouxe o Miguel e o Miguel... Cada um trazia sua própria vela para poder ver os livros, ler a vontade e brincar com as mil coisas interessantes que todos os dias eles iam descobrindo.*(p.15)

A imagem seguinte a essa narração apresenta Carlinhos abrindo a porta de sua casa, tarde da noite, gesticulando silêncio com o dedo frente à boca, encostados na parede da casa estão seus amigos, vestidos de pijamas, alguns de chinelos, outros de sandálias e meias, cada um com uma vela esperando para entrar na “sala do conhecimento”.

A metáfora que expressa cada criança com sua própria vela modifica totalmente a compreensão sobre a grande narrativa no início do livro que passa da autoridade da avó escolhendo e lendo as histórias, para a livre seleção de cada criança a respeito de um livro. O que anteriormente subtendia-se um conhecimento para poucos, de maneira unificada e singularizada, agora sugere coletividade no acesso e respeito às múltiplas preferências de leituras.

Essa liberdade e autonomia dos personagens que, em grupo, fogem à figura de liderança pré-estabelecida das histórias tradicionais, onde a dicotomia separava os personagens menos atuantes, (que esperavam a ordem para agir) daquele protagonista que, além de elaborar os planos e as ações do enredo, apresentava-se como o mais corajoso entre todos.

Essa apreciação insere-se numa perspectiva de literatura contemporânea, uma tendência de substituir o herói individual e infalível pelo grupo, formado por meninos e meninas normais. Os figurantes atuam como questionadores das “verdades” expressando uma exigência maior de liberdade pessoal quanto à interpretação e a busca do conhecimento, devido à consciência da relatividade dos valores e das idéias humanas.

Portanto, da-se vazão as verdades múltiplas e não mais unívocas de certezas absolutas. A antiga uniformização de idéias tende a ser substituída pela convivência dos contrastes inevitáveis entre os seres e os personagens que ao invés de vencer o errado - essa força ambígua que movia a atmosfera dividindo-a entre o “bem e o mal” - tende para o equilíbrio dialético da conciliação das diferenças e contrastes.

Os pais de Carlinhos – *Joana e Antonio*, também são apresentados numa nova perspectiva, pois se evadem da imagem de adultos autoritários e repressores

mesmo quando descobrem o segredo do filho. Depois de repetidas visitas noturnas à biblioteca mágica [...] *um dia, a Joana (mãe de Carlinhos) levantou a noite para beber água e levou o maior susto com aquela fila de crianças de pijama, que entravam pela porta da frente, subiam as escadas e entravam no quarto de Dona Carlotinha. Então ela chamou o Antonio (pai de Carlinhos) e os dois foram atrás da criança. Atravessaram o quarto e entraram pela porta secreta.* (p.20)

Os pais de Carlinhos encontram as crianças deitadas nos tapetes, amontoadas nos assentos, penduradas pelas escadas, acomodadas em banquinhos, apoiadas em mesas, inteiramente à vontade. Em plena liberdade, cada um procura o livro que mais lhe agrada, pressupõe-se em outro sentido, que cada criança procura seu caminho, sem que este seja imposto por alguém, vislumbrando a construção de suas próprias verdades e compondo cada qual sua “grande narrativa”, fazendo assim menção aos sujeitos na modernidade e sua fragmentação perene.

O narrador apresenta-os como adultos sensíveis às indagações das crianças, curiosos, tal como os infantes, investigando os fatos antes de tecer qualquer juízo de valor imperioso, sem com isso, perder a autoridade de pais ou ainda, sem que Carlinhos deixe de devotar-lhes respeito e acatar seus aconselhamentos.

A proposta dessa narrativa aponta influências diversas dos sujeitos e seus contextos. Para Linda Hutcheon, (ibidem, p.169 -170)

[...] um dos efeitos dessa pluralização discursiva é o de que o centro [...] da narrativa histórica e fictícia é disperso. As margens e as extremidades adquirem um novo valor. O “ex-cêntrico” – tanto como *off-centro* quanto como descentralizado – passa a receber atenção. Aquilo que é “diferente” é valorizado em oposição à “não - identidade” elitista e alienada e também ao impulso uniformizador da cultura de massa.

Bhabha (1998) fala da nação que é única, porém emendada de diferenças, tanto quanto a narrativa, descontínua e fragmentada por estar atravessada pela hibridez cultural das fronteiras que deixam de ser externas e físicas, cada vez mais internalizadas pelo livre fluxo de informações da contemporaneidade cultural que oferece uma diversidade de vozes marginais.

A narrativa em estudo é entrecortada pelo tempo performativo apresentado por Bhabha, (1998) como o lugar onde residem as vozes de diversas culturas do povo, dos sujeitos que falam, fragmentados pela temporalidade do “entre-lugar” que é a fronteira da individualidade e do todo confronto que desestabiliza a homogeneidade do tempo pedagógico, ou seja, aquele que agrega em si princípios centrados na tradição, na tentativa de revelar um passado que seja “verdadeiro” visto sob uma perspectiva absoluta e unificadora, na constituição do estereótipo.

Na presente análise o tempo performativo faz-se na imagem das crianças na biblioteca cada uma a procura de sua própria narrativa. A mistura de informações constantes naquele espaço, a diversidade de objetivos e interesses na busca de

cada personagem que, ao mesmo tempo habitam um único ambiente, representa a nação de “todos como um” apresentada por Bhabha, um todo emendado e fragmentado pelo tempo disjuntivo da modernidade.

Para o autor a contemporaneidade evidencia a fusão entre essas temporalidades narrativas: o pedagógico - construído pela sedimentação da história e o performativo - construído no processo de significação cultural identitária, pelas forças de minoria, por meio do discurso que tenta traduzir os fragmentos e os retalhos dessas significações. A identidade das crianças no presente texto emerge da ambivalência narrativa desses tempos (performativo e pedagógico) disjuntos, onde há uma negociação cultural.

A avó configurada como a “Grande Narrativa” será substituída pelas “Múltiplas Narrativas” dos meninos e meninas que, por sua influência, foram capazes de transcender sua voz imperiosa, tecendo outras perspectivas no processo de construção do conhecimento nessa “escrita dupla” contextualizada pelos tempos narrativos. Esse processo é possível, pois segundo Bhabha (1998, p.228) o sujeito é

[...] constituído através do *lócus do Outro*, o que sugere que o objeto de identificação é ambivalente e mais, que a agência de identificação nunca é pura ou holística, mas sempre constituída em um processo de substituição, deslocamento ou projeção.

A obra finaliza-se narrando o sucesso da festa de abertura da biblioteca para a escola e a comunidade acentuando o convite ao mundo da leitura de maneira espontânea e lúdica.

### **III – Conclusão**

A obra em estudo pode ser classificada como literatura emancipatória por privilegiar a fantasia, não desejar incutir conceitos morais estereotipando a criança e permitir, por meio do conhecimento de mundo que carrega, interpretar a história a sua maneira, possibilitando a formação de sua personalidade. É também uma obra provocativa por que confia na capacidade da criança de resolver problemas e situações conflitantes.

O texto infere no conhecimento de mundo do infante, influenciando seu comportamento social, pois a perspectiva negativa em relação ao livro transforma-se, pela maneira desprendida e brincalhona com que a narrativa incentiva o mundo da leitura. Com essas características o leitor participa da comunicação com o texto, visto que o mesmo provoca-o implicitamente através dos comentários e apresentação dos personagens. Como elemento ativo no processo de comunicação, o leitor tem seus horizontes alargados, crescendo como ser humano, visto que a leitura é veículo de informações e sensações poderoso e atua de maneira que não podemos avaliar com presteza. Segundo Candido (1972)

a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas do ser humano afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com os altos e baixos, luzes e sombras.

Portanto, o contato com essa obra leva a criança a modificar e inventar o espaço em que vive transformando a realidade pela socialização com o mundo. Trata-se de um processo abrangente de leitura e identificação em que o livro atua como mediador das impressões cotidianas, não só para formação de um leitor, mas sobretudo, para formação do indivíduo historicamente situado. Esse processo se dá pelo diálogo do texto com o leitor infante e com seu universo em projeção.

#### **IV – Referências Bibliográficas**

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura (São Paulo), v.24, n.9, p. 806-9, set. 1972.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

ROCHA, Ruth. **Atrás da Porta**. Ilustrado por Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.